

# INTERFACE

REDAÇÃO

SEGUNDO GRAU ↔ ↔ ↔ UNIVERSIDADE

Publicação informativa e técnica da Diretoria de Acesso ao Ensino Superior - DAE  
Universidade de Brasília - Caixa Postal 15-2971 - CEP 70910 - Brasília - DF.

Brasília, 25 de fevereiro de 1992

Ano 5

Vol.2

No.5

## Í N D I C E

-A REDAÇÃO NO VESTIBULAR	
Profa.Daisy Costa Leininger ,DAE/UnB.....	p. 1
-ISTO SERIA (POSSÍVEL),SENHORES ?	
Profa.Enilde L.J.Faulstich , LIV/IL/UnB.....	p. 5
-BRASIL,PORTUGUÊS,FUTEBOL E FEIJÃO COM ARROZ	
Prof.Danilo Lôbo , TEL/IL/UnB.....	p. 7
-A ELITE TROPEÇA NA METÁFORA E CAI NA REDAÇÃO	
Profa.Maria de Jesus Evangelista, TEL/IL/UnB.....	p.10
-RECEITA PARA UM ANTITEXTO	
Profa.Josênia Vieira da Silva , LIV/IL/UnB.....	p.12
-USOS DA PREPOSIÇÃO "A" NAS REDAÇÕES	
Profa.Heloísa M.L.Salles , LIV/IL/UnB.....	p.15
-PONTUAR BEM NÃO é SÓ INTUIÇÃO NEM RESPIRAÇÃO	
Profa.Maria Christina Diniz Leal, LIV/IL/UnB.....	p.20
-PENSAR é PRECISO	
Prof.José Natal Barbosa , LIV/IL/UnB.....	p.23
-Interface (Serviço).....	p.24

---

## USOS DA PREPOSIÇÃO "A" NAS REDAÇÕES

Profa. Heloisa M. L. Salles  
LIV - IL - UnB

Neste artigo, propomo-nos a apontar alguns problemas de regência observados nas redações do primeiro vestibular de 1992, considerando, em particular, casos em que ocorrem usos inadequados da preposição "a". Não faremos, porém, uma análise aprofundada dessas construções, já que o nosso objetivo, neste momento, é apenas citá-los, na expectativa de fornecer alguns subsídios para uma reflexão preliminar acerca da produção textual dos candidatos.

Na teoria gramatical, a regência é uma relação de subordinação entre um termo, chamado "regente", e seu complemento, o termo "regido". Essa relação pode ser analisada no nível sintático e no nível semântico. Neste, considera-se o significado dos elementos envolvidos e a compatibilidade de seus traços semânticos, naquele, identifica-se a posição estrutural desses elementos e a expressão formal da relação lógico-semântica existente entre os termos.

A regência pode ser indicada de diferentes maneiras (cf. Cunha & Cintra, 1985:505):

- a. pela ordem dos termos na oração ou no sintagma
- b. pelas preposições, quando traduzem relação de dependência entre os termos.
- c. por conjunções subordinativas, quando se trata de período composto

No entanto, é normal que, ao longo dos tempos, haja mudanças na forma como são indicadas as relações de regência, o que explica, por exemplo, a coexistência de construções diferentes, relacionadas à mesma idéia, o desaparecimento de outras, antes prestigiadas, a adoção de novas formas, jamais usadas.

Sabe-se que costuma haver muitas discrepâncias entre as regências observadas nos textos dos estudantes de nível secundário e as formas previstas pela norma "padrão", usada como quadro de referência para a correção das redações do vestibular.

No entanto, é inegável que, em certos casos, a regência adotada pelos candidatos reflete um uso consagrado, ainda que não abonado pela gramática normativa. É o que acontece com verbos como "assistir", "visar", "aspirar", cuja regência deve ser revista em alguns de nossos compêndios gramaticais de caráter prescritivo.

Não abordaremos, portanto, esses casos. Limitaremos nossos comentários àqueles em que fica caracterizado o desconhecimento, por parte do candidato, em relação à forma recomendada pela norma padrão e também em relação à construção mais usada.

Assim, ao examinarmos os textos, identificamos:

(I) construções que deveriam ser pronominais e não ocorrem com o pronome reflexivo, como em (1):

- (1)
  - a. A seca impede que esta área desenvolva.
  - b. Se logo que o Brasil tornasse independente houvesse uma divisão (...)
  - c. Passávamos horas e horas pensando em como aliviar de tão pesada carga (...)
  - d. Não podemos ser individualistas a ponto de isolarmos em grupos diversos.

(II) construções não pronominais, que ocorrem com pronome reflexivo, como em (2):

- (2) a. (...) por estes e outros motivos a população se migra para o sul.  
 b. (...) o estado de São Paulo, que muito se difere do sul (...)  
 c. com pretensões mais sérias do que se pensam os não sulistas (...)

(III) construções em que o verbo, transitivo direto de acordo com a norma padrão, é usado como transitivo indireto, como em (3):

- (3) a. (...) essa separação acarreta numa perda muito grande (...)  
 b. Esse regionalismo acarretará o país para a beira de um caos (...) (Nesse caso, houve impropriedade vocabular.)  
 c. (...) pois elas detêm de maiores recursos (...) (Nesse caso, parece que houve cruzamento sintático com o verbo "dispor de algo")  
 d. Vale também ressaltar de que as regiões nortistas (...) (Este fenômeno já se torna freqüente na língua oral, conhecido por "dequeísmo".)

(IV) construções em que uma preposição é usada num contexto em que outra era esperada, como em (4):

- (4) a. (...) em determinada época dão total apoio sobre certa opinião ou atitude (...) (apoio a)  
 b. Isto se deve pela simples dependência do europeu (...) (dever-se a)  
 c. (...) que ainda não se preocupou por todos (...) (preocupar-se com todos)  
 d. (...) sem sua desvinculação com o governo federal (comparem-se "vincular-se a/com" e "desvincular-se de")  
 e. Em detrimento a uma nação nasce um novo pensar (em detrimento de)

Entre todos os casos, chamou-nos, porém, a atenção o uso inadequado da preposição "a". Tal fato já havia sido observado em outros vestibulares. Neste, resolvemos fazer uma coleta mais sistemática de dados e confirmamos nossas impressões.

Em primeiro lugar, deve-se apontar os problemas, sabidamente freqüentes, com a crase, em que se verifica que grande parte dos candidatos desconhece as regras que presidem o uso do acento grave para marcar, na escrita, esse fenômeno fonético. É o caso de (5):

- (5) a. (...) no que se refere a separação de estados brasileiros (...)  
 b. Em determinada região, vive-se em meio a floresta (...)  
 c. (...) casos de enriquecimento ilícito que levam o país à quase um colapso (...)  
 d. (...) talvez cheguemos à lugar algum (...)

Existem ainda situações em que o uso do acento grave indica a intenção de inserir a preposição "a" em contextos em que ela não deve ocorrer, como em (6a-d), ou deveria ser usada outra preposição, como em (6e-h).

- (6) a. Vindos todos de fortes e bons laços com à história.  
 b. Talvez tivesse sido melhor melhorar às relações (...)  
 c. O Brasil (...) não suportaria à fragmentação dos seusestados (...)  
 d. Todos devemos ter necessidade de superarmos à grave crise que atravessamos (...)  
 e. (...) caso parecido com o da região sul do Brasil, condizente à grande industrialização desta região (...) (condizente com)  
 f. (...) parte de sua população optaria à formação de um estado novo (...) (optar por)  
 g. (...) caso parecido com o da região sul do Brasil, condizente à grande industrialização desta região (...) (condizente com)  
 h. O pouco desenvolvimento em outras regiões se dá à má administração (...) (Nesse caso, parece ter havido confusão com "dever-se a")

Observou-se ainda o uso da preposição "a", em contextos em que nenhuma preposição deveria ocorrer, como em (7a-c), ou quando seria esperada outra preposição, com em (7d-h):

- (7) a. E estimularia aos estados do Norte, Nordeste e Centro Oeste a sobreviverem com suas próprias arrecadações (...)  
 b. Enquanto no Nordeste se destacou o plantio da cana e ao uso da mão-de-obra escrava (...)  
 c. (...) os outros estados estão contra a este movimento (...)  
 d. Pesquisas recentes vêm demonstrando que a um futuro próximo (...) (em um futuro)  
 e. (...) e nós nos confinamos, talvez, a um futuro sem história (...) (confinar-se em)  
 f. (...) o povo brasileiro buscando não ficar inerte a crise (...) (inerte diante de)  
 g) A tendência mundial atual é de unificação, com excessão aos países "capitalistas recém-formados" (...) (com exceção de)  
 h) (...) deixaria de ser um país industrializado a pequeno país de 3o. mundo (...)

O uso inadequado da preposição sobressai-se também em construções comparativas, como em (8):

- (8)
- a. (...) a representatividade política no Congresso Nacional é proporcionalmente menor a de outros estados e regiões do Brasil.
  - b. (...) o melhor desenvolvimento de uma ou outra região pode estar vinculado ao quanto se investe nela, e não à superioridade de um povo a outro.
  - c. As diferenças econômicas entre regiões brasileiras, algumas bem desenvolvidas em contraste às outras.
  - d. Se existe pobreza e miséria tanto aos sulistas como aos nortistas é porque (...)
  - e. Acredita-se que os sulistas são mais avançados economicamente, politicamente, culturalmente aos outros estados (...)

É curioso que esse comportamento lingüístico tenha se mostrado tão recorrente nos textos dos candidatos. Aparentemente, os fenômenos citados indicam uma tentativa de hipercorreção, isto é, o candidato entende que o uso da preposição "a" confere elegância ao texto e garante a correção do mesmo. No entanto, faz-se necessário um estudo mais cuidadoso da questão.

Existe, em alguns casos, regularidade no uso da preposição "a", que ora aparece em construções comparativas, ora substitui a preposição "para", ora cria casos de objeto direto preposicionado, fenômenos encontrados em inúmeras construções do português, portanto inteiramente familiares aos candidatos. Se, por um lado, infringiram a norma padrão, por outro, como falantes nativos da língua, revelaram conhecer esses esquemas gramaticais a ponto de a eles recorrerem, de forma tão sistemática.

Nesse caso, pode ser que alguns dos usos observados nas redações estejam apontando para uma tendência de mudança lingüística. Embora o fenômeno ocorra na língua escrita, a hipótese é perfeitamente plausível, se considerarmos que se trata de uma nova geração de usuários do idioma que, sofrendo as mais diversas influências, promove inovações e perpetua a dinâmica que propicia a evolução das línguas.

Enquanto tudo isso acontece, sugerimos que tais construções sejam discutidas nas aulas de gramática e de redação.

CUNHA, C. & CINTRA, L.F.L. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985. ●